

---

# ACTAS

---

## IV CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS PESSOANOS

---

### SECÇÃO BRASILEIRA

I Volume

*A Europa Ocidental, sob a orientação do Prof. Dr. J. Bruner (de 17 a 19 de Novembro 1971)*

*A Europa Oriental, sob a coordenação da Prof. Dr. J. Bruner (de 20 a 22 de Novembro 1971)*

*A América Latina, sob a coordenação da Prof. Dr. J. Bruner (de 23 a 25 de Novembro 1971)*

*A África, sob a coordenação da Prof. Dr. J. Bruner (de 26 a 28 de Novembro 1971)*

*A Ásia, sob a coordenação da Prof. Dr. J. Bruner (de 29 a 31 de Novembro 1971)*

*A Oceania, sob a coordenação da Prof. Dr. J. Bruner (de 1 a 3 de Dezembro 1971)*

*A América do Norte, sob a coordenação da Prof. Dr. J. Bruner (de 4 a 6 de Dezembro 1971)*

*A Austrália, sob a coordenação da Prof. Dr. J. Bruner (de 7 a 9 de Dezembro 1971)*

*A Nova Zelândia, sob a coordenação da Prof. Dr. J. Bruner (de 10 a 12 de Dezembro 1971)*

*A Índia, sob a coordenação da Prof. Dr. J. Bruner (de 13 a 15 de Dezembro 1971)*

*A Japão, sob a coordenação da Prof. Dr. J. Bruner (de 16 a 18 de Dezembro 1971)*

*A Coreia, sob a coordenação da Prof. Dr. J. Bruner (de 19 a 21 de Dezembro 1971)*

*A China, sob a coordenação da Prof. Dr. J. Bruner (de 22 a 24 de Dezembro 1971)*

*A Índia, sob a coordenação da Prof. Dr. J. Bruner (de 25 a 27 de Dezembro 1971)*

*A Japão, sob a coordenação da Prof. Dr. J. Bruner (de 28 a 30 de Dezembro 1971)*

*A Coreia, sob a coordenação da Prof. Dr. J. Bruner (de 31 de Dezembro 1971)*

*A China, sob a coordenação da Prof. Dr. J. Bruner (de 1 a 3 de Janeiro 1972)*

*A Índia, sob a coordenação da Prof. Dr. J. Bruner (de 4 a 6 de Janeiro 1972)*

*A Japão, sob a coordenação da Prof. Dr. J. Bruner (de 7 a 9 de Janeiro 1972)*

*A Coreia, sob a coordenação da Prof. Dr. J. Bruner (de 10 a 12 de Janeiro 1972)*

*A China, sob a coordenação da Prof. Dr. J. Bruner (de 13 a 15 de Janeiro 1972)*

Esta edição foi participada pela  
FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN,  
facto que se assinala e muito se agradece.



FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA

PESSOA TRIVIAL:  
A VIAGEM, O ROUBO, A TROCA

Ettore Finazzi-Agrò

Universidade de Roma "La Sapienza"

*Estou no caminho de todos e esbarram comigo*

Quero aqui retomar uma afirmação contida no prefácio dum meu livro sobre Fernando Pessoa, para tentar, por um lado, desvendar o sentido da sua aventura textual e para esclarecer, por outro (especularmente), o sentido da minha própria procura em relação ao texto de Pessoa.

De fato, naquela introdução (escrita no ato de entregar o livro *O Alibi Infinito*, em dezembro de 1982), eu dizia-me firmemente convicto de que, "o ecletismo interpretativo (mesmo a troco de algumas incongruências, sob risco de resultar — barthesianamente — *trivial*)" era, apesar disso, "a única garantia possível para indagar a perene alteridade de um autor empenhado, através das suas incessantes deslocações, em salvaguardar a sua "incompreensibilidade".

Aquelas linhas encerravam, como se vê, uma referência incidental a Roland Barthes. À sua *Lição*, em particular, na qual ele afirma que "um escritor [...] deve ter a obstinação da sentinela [francês *guetteur*] ficando à encruzilhada de todos os outros discursos, em posição *trivial* em relação à pureza das doutrinas (*trivialis* é o atributo etimológico da prostituta esperando na intersecção de três vias)". Obstinação, portanto, como característica essencial do escritor, a que o semiólogo francês associava aliás, de modo significativo, outra fundamental qualidade: a de se deslocar, isto é, a capacidade de "se transferir lá onde ninguém espera".

Minha alusão escondia, na verdade, uma aparente alteração do discurso barthesiano: já que a atitude *trivial* constituía, quanto a mim, uma exigência da interpretação, e não da escrita. Para compreender a obra de Pessoa, neste sentido, tornava-se necessário um ato de prostituição às metodologias hermenêuticas, precisava votar-se a uma disponibilidade doutrinal que não procurasse

fechar a obra dentro do circuito da análise, mas que escolhesse, isso sim, a abertura, a permeabilidade, o consentimento instantâneo e utilitário aos diversos instrumentos críticos, à altura, cada vez, de explicar o texto.

Aliás, o risco de ser explicado, a possibilidade de ser compreendido, são as evidências a que o mesmo Pessoa tenta escapar, chegando até a afirmar: "Repudiei sempre que me compreendessem. Ser compreendido é prostituir-se. Prefiro ser tomado a sério como o que não sou, ignorado humanamente, com decência e naturalidade." A compreensão, portanto, é sempre um fenómeno trivial: isto é, para o escritor, um ato de prostituição, um entregar-se interessadamente aos outros.

E é, com toda a probabilidade, para esquivar-se desse perigo que ele escolheu longamente a via do "inérito", a ocultação material dos seus produtos e/ou dos seus projetos poéticos. Recusar-se ao mercado, afinal, para defender a sua "irrepreensibilidade" (também no sentido etimológico), para guardar a sua aristocrática pureza frente às pretensões (e à preensão) de um saber interpretante, de uma lógica comparativa ou de uma ideologia niveladora.

Mesmo a sua poesia torna-se, assim, o resultado não casual desta fobia da compreensão, deste medo de ser "preso com" outros e através de outros. E ela constrói-se, diante de nós, como arte da fuga, como, mais ainda, contínua dissimulação da verdade, incessante descaminho do sentido — um sentido nunca unitário, nunca irreversível, mas sim múltiplo, instável, transitório, inatingível.

Basta conhecer superficialmente a obra de Pessoa para alcançar esse mal-estar em relação aos sistemas, às teorias, aos paradigmas hermenêuticos:

"Não me venham com conclusões!

A única conclusão é morrer!

[...]

Se têm a verdade, guardem-na!

[...]

Queriam-me casado, fútil, quotidiano e tributável?

Queriam-me o contrário disto, o contrário de

qualquer coisa?

Se eu fosse outra pessoa, fazia-lhes, a todos, a vontade.

[...]

Não me peguem no braço!

Não gosto que me peguem no braço. Quero ser sózinho."

A atitude inconcludente, então, a recusa das fórmulas como reivindicação duma singularidade, duma incoerência que libertem o sujeito dos constrangimentos sociais e culturais, que o livrem das imagens estabelecidas, da claustrofobia do papel imposto.

A escrita de Pessoa é, portanto, escrita em movimento, marcada por uma deslocação contínua da palavra e do sentido (isto é, da identidade), conjunto pulverizado e desarticulado de afirmações e de citações, de ditos e desditos; prática artística, enfim, refratária às conclusões, /às identificações/, às definições. Poesia que deve ser "espreitada" (como eu escrevia no meu prefácio, na esteira do *guetteur* barthesiano), que deve ser espiada mais de que explicada de um modo irreversível, que deve ser observada mais de que consumida, acompanhando, a nível metatextual, as metamorfoses contínuas dum escritor (dum "corpo" textual) fugidio.

Atitude crítica "perversa", no fundo, não se ligando, de modo explícito, a uma *doxa* doutrinal, mas reivindicando, pelo contrário, um direito ao olhar, no qual se insinua o prazer de espreitar, fora de qualquer dogmatismo, o gozo de ir por trás dum texto programaticamente polimorfo, lendo-o sempre segundo perspectivas contingentes, talvez parciais, de certo modo adequadas à motilidade do discurso poético. Não, repare-se, a pura contemplação, quanto, antes, o que Jean Starobinski define como *acte de re-gard*: um movimento que "visa retomar sob a guarda" e que "comporta um impulso duradouro, uma recuperação obstinada [...] na aspiração a alcançar o rosto atrás da máscara ou na tentativa de se abandonar ao fascínio vertiginoso da profundidade, para reencontrar, na superfície das águas, o jogo dos reflexos".

Aspiração essa, que é também uma espera, um "fazer" e um "aguardar" ao mesmo tempo: mistura de alacridade interpretativa e de subordinação textual. Ato de "respeito", portanto (lembrando

que a raiz desta palavra é no verbo *respicere*, “olhar para trás”), ou ato de res-guardo em relação a um poeta obcecado, de fato, pelo olhar dos outros, até quase aos limites da perturbação paranóica.

“Todos me apontam a dedo do fundo das suas almas. Lapidam-me de alegres e desdenhosas troças todos que passam por mim. Caminho entre fantasmas inimigos que a minha imaginação doente imaginou e localizou em pessoas reais. Tudo me esbofeteia e me escarnece.[...]”

Conviver com os outros é uma tortura para mim. E eu tenho os outros em mim. Mesmo longe d’elles sou forçado ao seu convívio. Sózinho, multidões me cercam. Não tenho para onde fugir a não ser que fuja de mim.”

É um passo, este, tirado do *Livro do Desassossego*, no qual bem se esboça a antropofobia de Pessoa, aquela hipersensibilidade algo patológica em relação aos outros que abala e agita a sua escrita: uma presença hostil e escarnecedora que habita a subjetividade e à qual não se pode escapar senão escapando de Si próprio, senão se ausentando da sua própria identidade.

A heteronímia é exatamente essa esperança de evadir os limites de Si mesmo, de se mover “au revers de l’identité”, fora de Si e através dos outros. Obsessão de uma alteridade inquietante que provoca uma tentativa “heróica” e, ao mesmo tempo, “patética” (“teatral”, talvez) de abdicar do Eu, de se tornar continuamente outro para vencer a alienação:

“Viajar! Perder países!  
Ser outro constantemente,  
por a alma não ter raízes  
de viver de ver sòmente!

Não pertencer nem a mim!  
Ir em frente, ir a seguir  
a ausência de ter um fim,  
e da ânsia de o conseguir!”

A heteronímia é também isto, de fato: uma viagem que é perda, e, ao mesmo tempo, experiência sempre nova e singular — saída do Eu para perseguir identificações outras, freqüentemente precárias, efêmeras. Movimento centrífugo, em boa medida, que procura tornar real o hipotético, de “fazer existência” com tudo o que se encontra dentro do horizonte possível. E a poesia que dela procede afigura-se, assim, quase como um derramar-se para os confins do sentido, como uma prática obstinada de discursos que sejam, outrossim, percursos, linhas de fuga em relação à centralidade do Uno, do Indivisível, da Norma.

Os heterónimos, então, como itinerários poético-verbais que configuram um ir fugindo, um homiziar-se perante à Identidade e à Lei, mas também os heterónimos como etapas momentâneas duma procura inacabável — já que, de fato, nesta fuga do Sentido que é, ao mesmo tempo, busca de um Sentido inatingível, Pessoa tem a consciência prévia de que, como em qualquer autêntica *quête*, o objeto desejado é, contemporaneamente, um objeto ausente, um fim sempre prorrogado e inacessível.

“Sei que nunca terei o que procuro  
e que nem sei buscar o que desejo,  
mas busco, insciente, no silêncio escuro  
e pasmo do que sei que não almejo.

A obra de Pessoa é o produto desta procura, é esta procura: conjunto de discursos (e percursos) que, partindo duma origem única, deramam e, outrossim, convergem para uma meta inatingível — dirigem-se para o impossível duma nova identidade na pluralização. Ânasia de se deslocar, portanto, escrito em movimento e todavia poesia obrigatoriamente *trivial*, sulcada por itinerários de palavras que podem correr paralelos até ao infinito, mas que podem, também, ser destinados a se cruzarem, a se sobreporem para depois se dispersar de novo.

"Qualquer caminho leva a toda a parte,  
qualquer caminho  
em qualquer ponto seu em dois se parte  
e um leva a onde indica a estrada  
outro é sózinho

[...]

Ah! os caminhos estão todos em mim.  
Qualquer distância ou direcção, ou fim  
pertence-me, sou eu. O resto é a parte  
de mim que chamo o mundo exterior.  
Mas o caminho Deus eis se biparte  
em o que eu sou e o alheio a mim."

Aquele que intentara fechar as vias de acesso à verdade própria, que procurara cancelar as estradas que iam ter a ele, torna-se, deste modo, o que se proclama, dum modo evangélico, "via, verdade e vida". Consciente, em todo o caso, da necessidade de declinar ao plural aqueles atributos teológicos, isto é, consciente de que a verdade é o produto incerto da intersecção de muitas vias e de muitas vidas.

O sentido da poesia de Pessoa deposita-se também nesses coágulos momentâneos, nesses cruzamentos (nessas encruzilhadas) de coisas diversas, nesses átimos de trivialidade. Eis, por exemplo, o porquê do seu Interseccionismo, modo poético inventado para dizer que a imagem, que a "figura", melhor ainda, é o resultado da sobreposição de duas verdades diferentes. Eis o porquê da sua predilecção para o oximoro, "figura" — retórica, desta vez — que liga dois antónimos para dizer, mais que tudo, o poder enigmático da linguagem. Eis, enfim, a possível razão do interesse de Pessoa para a enigmística: palavras cruzadas, sentidos heterogéneos entrelaçados, a que preside um heterónimo como Crosse — o que nos *crosswords* encontra a Si mesmo e, através de si, o *Deus absconditus*, o Deus escondido nas palavras e/ou nas letras que se encadeiam em combinações pluriformes e provisórias, sempre balanceadas entre a cifra e a decifração.

"E todo o mundo é um grande livro aberto  
que em ignorada língua me sorri"

Desafiar, portanto, a irrisória incompreensibilidade de um mundo que se tem que folhear (e viver) como um livro. Delineando, ao interior dele, itinerários cognoscitivos, percursos lógico-verbais, todo um panorama labiríntico de imagens, de personalidades, de discursos que se descodificam um no outro, um através do outro.

Pessoa, neste universo enigmático, não é só aquele que, simplesmente, "faz as estradas", percorrendo-as sem fim, mas é também aquele que cultiva a ambição absurda de nos proporcionar um mapa deste território, de se tornar o cartógrafo desse império textual. Não é, em suma, só o "eterno viandante" (nietzschiano), o que pratica, dum modo obsessivo, as vias da Obra, mas pretende, outrossim, ser quem a projeta, quem estabelece os limites dela, quem regula as trocas entre o exterior e o interior — e no interior mesmo desse território literário.

Mas a geografia das intenções poéticas e existenciais acabará por aprisionar o seu cartógrafo. E a sua pena será a de Dédalo, fatalmente: de já não se encontrar no seu labirinto de palavras e de personalidades.

"Perdido

no labirinto de mim mesmo, já  
não sei qual o caminho que me leva  
dele à realidade humana e clara  
cheia de luz..."

O poeta que definira um mundo no qual se dispersar, conhecendo, todavia, a estrada para voltar a Si mesmo, para se reconstruir na pluralidade, deve admitir, enfim, que talvez errou no mapa, que, mais ainda, aquela dimensão na qual projetara desen-caminhar os outros é, também, uma dimensão sem limites, um "lugar de trevas" sem vias certas, no qual o criador se torna um errante prisioneiro, já sem esperança de se reencontrar.

O que é que resta a fazer ao intérprete de Pessoa perante tal malogro? Ainda e sempre, talvez, presidir as encruzilhadas, espiar os movimentos dum escritor elusivo, constatar os seus extravios, surpreender as várias epifanias dum sentido *in itinere* que se explica no seu desenvolver-se. E é este, de fato, o único fio de Ariana que se deve — a meu ver — segurar com força na mão avançando no Livro/Labirinto construído pelo escritor: o fio duma leitura que aceite o jogo das aparências sem, todavia, nunca perder a consciência da convenção; isto é, uma leitura que (para voltar a Starobinski) procure “alcançar o rosto atrás da máscara” sem nunca ignorar, porém, a “superfície das águas”, o “jogo dos reflexos”.

Só esta atenção dúplice à máscara e ao rosto, ao código fictício (heteronímico) que Pessoa projeta ao código real que está por trás e motiva as suas opções poéticas, pode fazer com que se chegue a interpretar a ambigüidade dum movimento que é, ao mesmo tempo, centrífugo e centrípeto, pode ajudar a entender o paradoxo de um misantropo que declara “simpatizar com tudo”, que diz “viver de tudo em tudo” — dum indivíduo, enfim, que só praticando a sua divisibilidade, só renunciando à centralidade do Eu, espera poder apossar-se de si mesmo, espera poder chegar a uma Identidade renovada e completa.

“Pertença a tudo para pertencer cada vez mais  
a mim próprio  
e a minha ambição era trazer o universo ao colo  
como uma criança a quem a ama beija.”

Conciliar, portanto, a extroversão com a introversão, a fuga com a volta: utopia de um poeta que tenta habitar a contradição, que tenta viver no espaço ambíguo e assombroso entre identidade e alteridade, dando um nome próprio ao impróprio para voltar a uma forma de domínio, para chegar a um inédito modelo de posse.

Esta vontade de mediar, este vaivém entre realidades heterogêneas, é o que tem de ser lido, renunciando a qualquer garantia metodológica estável, entregando-se a uma trivialidade hermenêutica que saiba, desde o início, como a única, tangível, verdade seja

aquela proposta pelo próprio caminho, a que a escrita delinea e legitima no seu mesmo tender para o Impossível.

“Mas ao menos fica da amargura do que nunca serei  
a caligrafia rápida destes versos,  
pórtico partido para o Impossível.”

O inútil traçado da grafia, que vai sem ir para parte nenhuma, mas que, apesar disso, é a única coisa que fica, que se materializa em valor.

Puro desejo, então, *quête* sem fim que pretende um “saber dos rastros”, uma decifração que seja também uma espera nas encruzilhadas do sentido. Tanto uma prostituição, repare-se, como uma emboscada (é nos trívios que esperam também os bandidos), uma cilada contra um escritor que quis confundir verdade e ficção dentro de uma dimensão textual inextricável. Isto é, texto como *texture*, trama labiríntica de vozes e de ecos, de real e de possível, de tudo e de nada, em cuja intersecção, somente, se dá a oportunidade de surpreender/roubar a verdade do sujeito, o seu patrimônio de valores e de mitos.

“O mito é o nada que é tudo”

Mito, portanto, ainda como *mythos*: como “discurso” e como “enredo”, como confluência de real e de eventual — o inexistente que (heideggerianamente) dá lugar à existência enquanto trama de possibilidades.

O emblema mítico escolhido por Pessoa é, nesse caso, como se sabe, Ulisses: o lendário fundador de Lisboa, o que “por não ter vindo foi vindo/e nos criou”. Mas é, todavia, possível indicar outra presença mítica essencial para a compreensão do seu universo textual: a de Hermes/Mercúrio. Divindade que pode dar crédito a uma poesia pensada como atividade mitopoética (e é o mesmo Pessoa a declarar a sua vontade de se tornar “criador de mitos”), além de ser uma figura arquetípica capaz de acreditar

uma existência dedicada, quase por completo, a projetar o informe, a traçar e a percorrer os itinerários do sentido, dentro de uma dimensão histórica e ontológica sem sentido.

E entre os atributos numinosos (divinos) de Hermes encontra-se, de fato, o de marcar as estradas, de fazer as ligações e os confins: divindade *borderline* (no dizer de Rafael Lopez Pedraza), cujo estatuto é a duplicidade e cuja condição perene é a de se encontrar sempre "ora aqui, ora ali, pela rua".

"Sim, já sei...

há uma lei  
que manda que no sentir  
haja um seguir  
uma certa estrada  
que leva a nada.

Bem sei. É aquela  
que dizem bela  
e definida  
os que na vida  
não querem nada  
de qualquer estrada,  
vou no caminho  
que é meu vizinho  
porque não sou  
quem aqui estou."

A metáfora da "estrada", tão frequente em Pessoa, o seu "estar na via", não é pensado, portanto, como uma experiência de unidade e de coerência, mas sim como entegra de si mesmo a uma diferença essencial: aquela que marca a relação entre *ser* e *existir* (conforme ao uso dos verbos *ser* e *estar* em português: "há entre quem sou e estou/ uma diferença de verbo/que corresponde à realidade").

Situação conflitante, afinal de contas, que é peculiar também do Senhor das Estradas, Mercúrio, divindade complexa, ambígua, fugidia, cujo perfil é definido só através da acumulação de quali-

dades contraditórias: aquele que guia e desvia, que dá e tira, mensageiro entre os deuses e entre o divino e o humano, intermediário entre a vida e a morte, entre o dia e a noite. Presença, enfim, que só se deixa avaliar numa Ausência, encontrando a sua identidade no "não-ter-centro", no estar no meio e no mediar. E é mesmo este não ser, positivamente, Ninguém que dá acesso a uma existência total.

"Não sou nada.

Nunca serei nada.

Não posso querer ser nada.

À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo."

A ostentação da nulidade, então, como modo para reivindicar uma completitude virtual, onírica: mundo sonhado sobre o qual, finalmente, dominar, do qual ser o único, possível, limite, a única *borderline*, precisamente.

O não querer ser compreendido, a recusa de qualquer definição (de que eu falava no início) torna-se, neste sentido, recurso que, através da negação, abre para o mito: para a possibilidade (mercurial) de definir. Pessoa como Hermes, portanto: modelos de um mundo dominado pela contradição e pela impermanência, traçado labiríntico de estradas com que eles se identificam mas que, por outro lado, eles mesmos identificam, marcando os confins delas. Figuras, ambas, o Deus e o Poeta, que se realizam só na duplicidade e, ao mesmo tempo, na mediação entre o que é dúplice, separado; personalidades, enfim, que só se determinam no espaço mediano, no alibi perpétuo entre essência e aparência, entre identidade e alteridade, entre lucidez e loucura.

"Se ao menos endoidecesse deveras!

Mas não: é este estar sempre,

este quase,

este poder ser que...

Isto.

[...]

Estou doido a frio,

estou lúcido e louco,

estou alheio a tudo e igual a todos."

Viver no interior desta diferença, "estar entre": condição que já algures defini de "diabólica" e que aqui me parece legítimo (e não contraditório) considerar como "hermética" — basta pensar no fato de as encruzilhadas, as bifurcações, serem não só os lugares consagrados a Hermes, mas também os sítios em que a cultura popular localizou, desde sempre, o Demônio; ou lembrar, por outro lado, o Hermes Trimegisto e a predileção de Pessoa pelas doutrinas esotéricas, dentro da qual cabe o seu interesse pelo satanismo e pela magia negra.

Condição trágica, aliás, marcada pela obrigação a uma metamorfose contínua, pela condenação à impermanência, ao "sentir tudo de todas as maneiras".

"Multipliquei-me para me sentir,  
para me sentir, precisei sentir tudo,  
transbordei, não fiz senão extravasar-me,  
despi-me, entreguei-me,  
e há em cada canto de minha alma um altar a um  
deus diferente."

É neste paradoxo de uma multiplicação que é individuação, duma fuga que é reencontro, duma alienação projetada como único, possível acesso à identidade, que reside, a meu ver, a substância hermética da poesia de Pessoa e, para nós, a possibilidade de uma hemenêutica, isto é, duma interpretação dela através de Hermes.

Poesia trivial que pretende uma crítica trivial, corpo textual que é região sombria de tráfegos e de assaltos (de *vols de langage*, para falar ainda na linguagem barthesiana) e que pode ser lido, todavia, no nome de Mercúrio, deus dos comércios e dos furtos. Dimensão, enfim, de diálogos e de citações, de palavras trocadas e de palavras roubadas, de discursos que se cruzam, se perdem, se recruzam, e em cuja intersecção encontramos cada vez "um deus diferente": uma herma bifronte, divindade ambígua das encruzilhadas, protetor hermético do viandante.

Itinerários de um *nóstos*, impossível, estradas que levam longe, em direção duma proximidade mítica a Si próprio.

## O DRAMA DO SER EM FERNANDO PESSOA

Fábio Lucas

Universidade de Brasília

### 1. APRESENTAÇÃO

Nossa pesquisa do fenômeno poético em Fernando Pessoa deixará entre parênteses as clássicas análises da fragmentação do poeta nos heterônimos e do universo de informações ilustradoras acerca dos próprios objetivos que ele mesmo legou à posteridade.

Ficarão ao largo, assim, as suas reações à Ciência e à Tecnologia, o Ocultismo, os Templários, a Alquimia, enfim, sua convivência com as Ciências Ocultas, bem como as suas leituras de Kant, Nietzsche e Hegel, talvez as fontes do fundamento metafísico de seus poemas.

A propósito, mencione-se o trecho do poema que se inicia com "Gostava de gostar de gostar", incluído na coleção de Álvaro de Campos, em que se encontra:

"... Dizias  
Que no desenvolvimento da metafísica  
de Kant a Hegel  
Alguma coisa se perdeu."

E o poema termina misteriosamente com "Hegel..."

Por mais tentadoras que sejam tais questões, em que sempre se têm encontrado novas nascentes de interpretação do poeta, o enigma pessoano nos conduziu, desta vez, a descrever o drama da expressão em íntima afinidade com a consciência filosófica do ser.

É que Fernando Pessoa se extremou, em meio aos seus contemporâneos, na busca da área de indeterminação que se situa ora entre a idéia e a linguagem, ora entre a emoção e a expressão. E mais: frequentes vezes o poeta esteve estacionado entre a consciência de si e o limbo de um estado poético envol-